

GT 9 – Museu, patrimônio e informação

ISSN 2177-3688

MUSEUS COMUNITÁRIOS E TURISMO: MUSEOLOGIAS, INFORMAÇÃO E MEDIAÇÃO

COMMUNITY MUSEUMS AND TOURISM: MUSEOLOGIES, INFORMATION AND MEDIATION

Sidélia Santos Teixeira - Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Patrick Fraysse - Université de Toulouse III, Paul Sabatier (UPS)

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: A análise do projeto de criação do Ecomuseu do Itapicuru, Bahia, Brasil, e do Ecomuseu de Marquèze, França, possibilitou a discussão das propostas de informação e mediação, envolvendo populações locais, pesquisadores e visitantes. Pretende-se utilizar esses exemplos para apontar as concepções museológicas trabalhadas. Adota-se análise de conteúdo de documentos e discurso dos atores envolvidos. Trata-se de pesquisa em desenvolvimento. Os resultados parciais apontam para a utilização de alguns princípios e modelos museais semelhantes, oriundos das reflexões em torno da Nova Museologia nos dois casos. Entretanto, constata-se distinções em relação à questão da mediação que revelam diferentes perspectivas para a Museologia.

Palavras-chave: museu comunitário; museologia social; mediação.

Abstract: The analysis of the project to create the Itapicuru Ecomuseum, Bahia, Brazil, and the Marquèze Ecomuseum, France, enabled the discussion of information and mediation proposals, involving local populations, researchers and visitors. The intention is to use these examples to point out the museological concepts used. Content analysis of documents and discourse of the actors involved is adopted. This is ongoing research. The partial results point to the use of some similar museum principles and models, arising from reflections around New Museology in both cases. However, there are distinctions regarding the issue of mediation that reveal different perspectives for Museology.

Keywords: community museum; social museology, mediation.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo apresenta uma breve discussão sobre a proposta de criação do Ecomuseu do Itapicuru, Bahia, Brasil, e o Ecomuseu de Marquèze, França, com objetivo de compreender as visões sobre ecomuseus e os paradigmas da Nova Museologia e da Museologia Social. Para tanto, considera-se as propostas de informação e mediação, envolvendo as populações locais, pesquisadores e visitantes.

Tal debate continua merecendo atenção por parte de pesquisadores, sobretudo na área da Museologia, no que diz respeito ao uso do patrimônio cultural como ferramenta de fortalecimento das memórias comunitárias e de desenvolvimento sustentável principalmente em instituições museais situadas em áreas turísticas.

Além disso, trabalhos que consideram comunidades periféricas, como as do presente estudo, podem ampliar o processo de análise sobre a diversidade sociocultural e os microssistemas culturais das populações que integram países, como Brasil e França. Viabiliza-se, assim, o debate, a construção e a implementação de políticas públicas democráticas.

Trata-se de estudo de natureza qualitativa, ainda em processo de desenvolvimento, que considera as fontes bibliográficas e arquivísticas sobre o histórico dos territórios e das comunidades envolvidas. Contempla-se ainda catálogos, *folders* e sites, principalmente do Ecomuseu de Marquèze, que apresenta dados sobre os princípios e mecanismos de informação e mediação dessa instituição. No caso do Ecomuseu do Itapicuru, também são considerados alguns estudos acadêmicos, tais como dissertações, teses e artigos já produzidos pelo grupo de pesquisa Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Estudos Interdisciplinares e Transdisciplinares em Ecologia e Evolução (INCT IN-TREE) da Universidade Federal da Bahia.

Adota-se a observação etnográfica para análise das comunidades em relação aos territórios estudados e ao público visitante. A técnica de entrevista está sendo utilizada junto aos membros da população, pesquisadores e visitantes, bem como aos responsáveis pelos ecomuseus. Adota-se a análise de conteúdo para o estudo pormenorizado de documentos e compreensão do discurso dos atores envolvidos, tendo em vista a aderência dessa técnica à perspectiva teórica assumida no trabalho.

2 ECOMUSEUS DO ITAPICURU E DE MARQUÈZE: BREVES CONSIDERAÇÕES

A proposta de criação do Ecomuseu do Itapicuru advém da relação entre as comunidades tradicionais e os pesquisadores de Biologia e Museologia da Universidade Federal da Bahia, que desenvolvem projeto de educação intercultural como diálogo entre modos de conhecer e formas de conhecimento.

Nesse sentido, membros das vilas pesqueiras da região do Itapicuru, em particular professores do ensino fundamental, apresentaram uma demanda de criação de uma

instituição museal, com o objetivo de reconhecer e valorizar a história local e, ao mesmo tempo, atender aos anseios dos visitantes em relação à aquisição de informações sobre a região, sua população e seus atrativos naturais.

As populações do Estuário do Itapicuru são predominantemente de origem indígena e afro-brasileira. A região constitui-se em uma variada área de ecossistemas e paisagens naturais nas quais se destacam remanescentes de Mata Atlântica, restingas, dunas, praias, recifes coralíneos, áreas úmidas – brejos e lagoas – e manguezais, em seis estuários (INSTITUTO DO MEIO AMBIENTE E RECURSOS HÍDRICOS, [2022?]). Não obstante, mesmo com esse rico e diversificado patrimônio, o problema da proteção ambiental e cultural de forma sustentável apresenta-se como um desafio permanente para as comunidades desse estuário.

Registra-se ainda que o referido território constitui-se como uma Unidade de Conservação do Estuário do Itapicuru. Entretanto, os seus referenciais históricos, sociais e culturais não são contemplados nesse modelo de preservação ambiental, apontando, assim, para um distanciamento entre natureza e cultura, nessa figura jurídica de proteção do meio ambiente.

Aflora, no seio dessas comunidades, o sentimento de um passado comunitário/solidário e um presente marcado pela necessidade de desenvolvimento do turismo, apontado como alternativa econômica, ao mesmo tempo ameaçador não somente pelas relações estabelecidas pelos turistas com o patrimônio e a cultura local, mas também por se apresentarem, em algumas situações, como concorrentes em relação à apropriação e o uso dos bens naturais.

É nesse contexto genérico que se insere um dos caminhos apontados pelas comunidades desse Estuário, para enfrentar o desafio atual de um desenvolvimento pautado no turismo, isto é, a criação de uma instituição museal. O museu apresenta-se, portanto, para essas comunidades como um mecanismo de proteção, defesa e valorização das memórias e do patrimônio natural e cultural.

Além dessa estratégia museal, indica-se a necessidade de que o turismo seja articulado de outra maneira na região. A comunidade refere-se a um “turismo controlado”. Assim, os visitantes, além de levarem em consideração medidas de proteção e cuidado com o meio ambiente, precisam ser informados sobre a história da população local. Entendem

que esse processo de comunicação é essencial, podendo funcionar como medida de valorização da região e de respeito aos moradores.

Manifesta-se a ideia de um museu participativo, de encontro entre os mais velhos e os mais novos. Compara-se a proposta do museu com uma feira, ou seja, como um local “vivo” e dinâmico. Aponta-se ainda a ideia de comercializar determinados produtos no próprio museu, a fim de ajudar na sua manutenção (TEIXEIRA, 2023).

No caso do Ecomuseu de Marquèze, trata-se de um dos primeiros ecomuseus da França, criado no final da década de 1960, com o apoio da política de desenvolvimento ambiental, vinculado à ideia dos parques naturais regionais, no caso específico, o *Parc Naturel Regional des Landes de Gascogne*¹. O museu possui uma exposição de longa duração, que apresenta a história do território, o modo de vida e as características dos agricultores e criadores da região desde o século XIX. Vale registrar que os habitantes dessa região eram normalmente discriminados em virtude dos seus modos de vida rural, considerados como impróprios e grosseiros. Isso contribuiu para a resistência da comunidade no início do projeto museológico, pois ela não queria lembrar do seu passado, revelando, assim, dificuldades de aceitação das suas origens e memória.

O Ecomuseu de Marquèze possui uma coleção de objetos. A partir do seu território, são desenvolvidas atividades regulares de mediação com os visitantes², a exemplo das visitas comentadas, consideradas como a melhor alternativa para compreender a história de Marquèze, os seus habitantes e o patrimônio que envolve esse território. Conta também com um pavilhão que abriga exposições temporárias, painéis explicativos dispostos ao longo do território, além de disponibilizar jogos para as crianças com informações sobre o ecomuseu. Trata-se de um museu público que tem o apoio de empresas e associações locais. A população local não participa diretamente da gestão do museu, mas colabora com algumas atividades e, atualmente, demonstra orgulho da sua história.

3 MUSEOLOGIAS, INFORMAÇÃO E MEDIAÇÃO

É comum, no campo da Museologia, a utilização dos termos Nova Museologia e Museologia Social como sinônimos por autores como Cury (2005) e Santos (2008). Para esses estudiosos, essas expressões articular-se-iam ao movimento que teve início na década

¹ Para maiores detalhes sobre parques e ecomuseus, consultar Teixeira (2017).

² Uma descrição mais detalhada dessas atividades pode ser encontrada em Doutreleau (2018).

de 1960 e expandiu-se por vários países. Nessa linha de pensamento, Chagas e Gouveia (2014) esclarecem sobre a evolução histórica dessas terminologias, afirmando que o termo Nova Museologia foi perdendo potência à medida que a expressão Museologia Social ascendia, especialmente após os anos de 1990. Entretanto, os casos dos ecomuseus do Itapicuru e Marquêze demonstram que, para além dos termos utilizados, a Museologia e os processos museológicos vão além de um desenvolvimento linear, conforme se pontua a seguir.

A proposta do Ecomuseu do Itapicuru parte de uma iniciativa comunitária que reconhece e valoriza a memória local, mas também identifica a fragilização dos laços comunitários, provocado por fatores diversos, inclusive pelo desenvolvimento do turismo na região. A pesquisa mostra o desejo da comunidade de preservar o meio ambiente e suas tradições numa perspectiva museal, isto é, com a criação de um museu que corresponde ao modelo do ecomuseu.

Com efeito, os ecomuseus podem funcionar como ferramentas para o desenvolvimento sustentável, apoiadas no trabalho com a memória e a utilização do patrimônio natural e cultural. Trata-se de uma tipologia oriunda do movimento da Nova Museologia, que considera o território um espaço carregado de significados, contribuindo para a compreensão das identidades na sua diversidade, por meio de um trabalho participativo com as populações locais, apoiado no uso da memória compartilhada. Nesse sentido, funciona como ferramenta de preservação, mobilização e fortalecimento comunitário.

No caso do Itapicuru, a escolha da tipologia – ecomuseu, com base na participação e no desenvolvimento de ações culturais museológicas – apresenta-se como uma alternativa para essa população que se sente “ameaçada” pelo turismo. Entretanto, vale esclarecer que a ideia de museu proposta e desenvolvida pela comunidade não surge por acaso. Na verdade, funciona como uma reação ao desenvolvimento de políticas implementadas na região, voltadas para o turismo, que não consideram a complexidade das realidades locais, de forma específica, apresentando-se como ameaçadoras para determinados grupos socioculturais.

Nesse sentido, a proposta do Ecomuseu do Itapicuru não se insere no que convencionou-se denominar de Nova Museologia³. Tal iniciativa vincula-se, de forma mais apropriada, às ideias da Museologia Social, entendida como um novo paradigma museal voltado diretamente para a crítica à universalidade do conhecimento, como afirma Britto (2019). Este autor vai designar esse tipo de museologia como “Museologias Indisciplinadas” e assim o define (BRITTO, 2019, p. 136):

[...] um conjunto de conhecimentos que visa, mediante uma poética e política mediada por objetos e afetos, desconstruir práticas colonizadoras (tidas como naturais e universais) e propor epistemes a partir de experiências contra hegemônicas. Consistem em reflexões que, a despeito das diferentes nomenclaturas, reverberam Museologias afirmativas que se ‘adubam’ de demandas coletivas, gerando intervenções orientadas por múltiplas ‘palavras de nascer’, em alusão ao pensamento de Manoel de Barros.

A proposta do Ecomuseu do Itapicuru surge do diálogo envolvendo comunidade e pesquisadores. Nesse sentido, as pesquisas, as informações e a mediação são produzidas com base na troca de conhecimentos entre os grupos, visando a compreensão, a valorização do saber local e também os conhecimentos advindos da produção universitária. Isso revela: “[...] o modo como entendemos a atitude intercultural e a noção de diálogo de saberes, relacionando esta última a uma discussão sobre a natureza, as possibilidades e os limites da tradução intercultural” (EL-HANI, 2022, p. 1). Nessa perspectiva, valoriza-se os saberes locais, as experiências vividas e procura-se promover diálogos horizontais, de acordo com as visões de Hooks (1991) e Freire (2004), por exemplo.

Assim, iniciativas museológicas propostas por comunidades periféricas, como as do presente estudo, apontam também para um avanço no campo da proteção patrimonial, principalmente porque demonstram persistência, resistência e combate aos critérios oficiais e tradicionais de preservação dos bens culturais. Associa-se ainda a um tipo de ação museal que funciona como estratégia educacional garantidora do espaço para o reconhecimento das identidades e culturas oriundas dos mais variados e diversos grupos humanos, de acordo com a Museologia Social (PEREIRA, 2018).

No caso do Ecomuseu de Marquèze, observa-se que as atividades museológicas, em particular os processos de mediação, voltam-se, sobretudo, para uma abordagem evolucionista sobre o território. Valoriza-se o turismo, mas a participação da comunidade

³ Para maiores informações sobre a Nova Museologia, consultar Desvallées (1994).

não corresponde diretamente ao que os teóricos da Nova Museologia e da Museologia Social elencam como princípio básico das práticas museais, isto é, a responsabilidade pela preservação do patrimônio e do território, por exemplo.

Com efeito, na perspectiva da Nova Museologia, Rivieri e Varine⁴ os principais responsáveis pela criação do termo ecomuseu, consideravam que os museus comunitários deveriam se estabelecer a partir de um território onde é gerido o patrimônio pela e para a própria comunidade. Alguns autores, a exemplo de Filipe e Varine (2015), afirmam ainda que o ecomuseu é uma inovação metodológica para a ação cultural, a valorização do patrimônio e o desenvolvimento local.

Dessa forma, o modelo original de ecomuseu priorizava a integração e o envolvimento das comunidades que se constituíam como sujeitos ativos da ação museológica, como visto. Nessa linha, as atividades museais seriam um meio para criar as condições necessárias a uma reflexão sobre a trajetória histórica das populações, apoiada no patrimônio natural e cultural, viabilizando, assim, uma análise crítica sobre a realidade presente, para se refletir e criar metas em relação ao futuro desejado.

Nesse caso, o desenvolvimento local é baseado no patrimônio cultural, pois, como afirma Varine (2012), o patrimônio cultural é um recurso local e precisa ser “vivido”, para que os sujeitos incursos nas ações museológicas tenham condições de dominar a mudança cultural, social e econômica.

Embora o Ecomuseu de Marquèze tenha sido criado no auge do movimento da Nova Museologia e conte com elementos próprios do ecomuseu, tais como território, comunidade e patrimônio, apresenta uma abordagem museológica distinta do que convencionou-se denominar de Nova Museologia e Museologia Social. Atualmente, as suas atividades de informação e mediação correspondem mais a uma “Museologia Normativa”, demonstrando que esse paradigma atravessa o campo museal, inclusive o de museus de território (CHAGAS, 2020). Tudo isso revela movimentos museológicos contemporâneos presentes no campo dos museus comunitários e das instituições museais, de maneira geral.

⁴ Georges Henri Rivieri era antropólogo e foi o primeiro consultor do Conselho Internacional dos Museus. Hugues de Varine foi consultor internacional na área da museologia e do desenvolvimento. Para maiores detalhes sobre o histórico dos ecomuseus, consultar Hubert (1989).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta do Ecomuseu do Itapicuru aponta para o reconhecimento da mobilização de populações periféricas que passam, cada vez mais, a lutar e reivindicar novas formas de desenvolvimento, articulado ao reconhecimento das suas memórias e valorização dos seus bens culturais. Trata-se de mais uma experiência no campo da Museologia Social, que visa construir práticas e conhecimentos de natureza decolonial.

O caso do Itapicuru indica ainda a existência de políticas de desenvolvimento turístico que não contemplam realidades locais, mas fazem aflorar memórias locais e sentimentos identitários que deveriam ser trabalhados numa perspectiva museológica, para evitar a fragilização de laços comunitários.

Inicialmente, o ecomuseu de Marquêze é importante para o entendimento da importância dessa tipologia museal para o fortalecimento de sentimentos de pertencimento e orgulho de grupos subalternos.

O presente estudo, através dos casos aqui apresentados, contribui para o debate sobre a Museologia, com base na análise da tipologia própria do movimento da Nova Museologia. Nesse sentido, os ecomuseus podem e adotam perspectivas museológicas diversas e variadas, conforme aqui demonstrado de forma breve.

Ademais, o debate sobre ecomuseus e turismo continua merecendo atenção por parte dos pesquisadores de diversas áreas, em particular da Museologia, sobretudo em relação ao uso do patrimônio cultural como ferramenta de reflexão para o fortalecimento das memórias comunitárias afloradas durante a implantação e implementação de projetos voltados para o turismo.

REFERÊNCIAS

BRITTO, Clovis Carvalho. **Nossa maçã é que come Eva**: a poética de Manoel de Barros e os lugares epistêmicos das Museologias Indisciplinadas no Brasil. 2019. 223f. Tese (Doutorado em Museologia), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa, 2019. Disponível em: <https://recil.ensinolusofona.pt/bitstream/10437/9533/1/Tese%20ULHT%20Vers%C3%A3o%20Final%20Clovis%20Britto.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2023.

CHAGAS, Mário. **Museu, Memória, Criatividade e Mudança Social**. Trabalho apresentado na Conferência Geral Virtual do Icom, São Paulo, 2020. Disponível em: <http://mariochagas.com/wp-content/uploads/2020/01/4museumemoriacriatividade.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2022.

CHAGAS, Mário; GOUVEIA, Inês. Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). **Cadernos do CEOM/Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina**, Chapecó, SC, Ano 27, n. 41, p. 9-22, dez., 2014.

CURY, Marília Xavier. Museologia - marcos referenciais. **Cadernos do CEOM/Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina**, Chapecó, SC, Ano 18, n. 21, p. 45-74, 2005. Disponível em: [file:///C:/Users/55719/Downloads/Museologia_marcosreferenciais%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/55719/Downloads/Museologia_marcosreferenciais%20(1).pdf). Acesso em: 21 abr. 2021.

DESVALLEES, André. Vagues. Une anthologie de la nouvelle muséologie. **Gradhiva**: revue d'histoire et d'archives de l'anthropologie, Paris, n. 15, p. 106-107, 1994. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/gradh_0764-8928_1994_num_15_1_1633. Acesso em: 20 set. 2022.

DOUTRELEAU, Vanessa (Coord.). **Marquèze**: à la découverte de l'écomusée. Paris: Éditions Sud Ouest, 2018. p.34-37. Disponível em: <http://www.editions-sudouest.com/livres/marqueze-a-decouverte-de-lecomusee/>. Acesso em: 21 set. 2022.

EL-HANI, Charbel N. Bases teórico-filosóficas para o design de educação intercultural como diálogo de saberes. **Investigações em Ensino de Ciências**, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 1-38, 2022. Disponível em: <https://ienci.if.ufrgs.br/index.php/ienci/article/view/2806>. Acesso em: 5 nov. 2022.

FILIFE, Graça; VARINE, Hugues de. Que Futuro para os Ecomuseus. **Opinião**, [s.l.], II Série, n. 19, p. 21-36, jan., 2015. Disponível em: <https://dadospdf.com/download/que-futuro-para-os-ecomuseus-5a4c0f12b7d7bcab67010d7f.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 38. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

HOOKS, Bell. Black women intellectuals. In: HOOKS, Bell; WEST, Cornel (Ed.). **Breaking bread**: insurgente black intelectual life. Boston: South end Press, 1991. p. 147-165.

HUBERT, François. Historique des Écomusées. In: RIVIERE, Georges-Henri. **La museologie selon Georges Henri Rivière**. Paris: Bordas, 1989. p. 146-154. Cours de Muséologie/Textes et témoignages.

INSTITUTO DO MEIO AMBIENTE E RECURSOS HÍDRICOS. **APA Litoral Norte do Estado da Bahia**. Salvador: INEMA, [2022?]. Disponível em: <http://www.inema.ba.gov.br/gestao-2/unidades-de-conservacao/apa/apa-litoral-norte-do-estado-da-bahia/>. Acesso em: 3 mar. 2022.

PEREIRA, Marcele Regina Nogueira. **Museologia Decolonial**: os Pontos de Memória e a insurgência do fazer museal. 2018. 332F. Tese (Doutorado em Museologia) –Programa de Pós-Graduação em Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2018. Disponível em: http://www.museologia-portugal.net/files/upload/doutoramentos/tese_marcele_pereira.pdf. Acesso em: 20 mar. 2023.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. **Reflexões sobre a Nova Museologia**. Encontros Museológicos – reflexões sobre a museologia, a educação e o museu. Rio de Janeiro: Minc/IPHAN/DEMU, 2008.

TEIXEIRA, Sidélia Santos. **Museologia, parques, ecomuseus, associações e iniciativas comunitárias em defesa do patrimônio cultural**. Trabalho apresentado ao 3º. Seminário Brasileiro de Museologia, Belém, PA, 2017. Disponível em: <http://www.sebramusrepositorio.unb.br/index.php/3sebramus/3Sebramus/paper/viewPaper/718>. Acesso em: 18 maio 2023.

TEIXEIRA, Sidélia. Museologia social, turismo e ecomuseu: o caso da comunidade de Siribinha/Bahia/Brasil. **Museologia e Patrimônio**, Leiria, v.9, p.218-254, 2023. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/bitstream/60bd3124-8d48-4f9b-a891-8c58258a35f2/PCMV.98%20-%203143046.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2023.

VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. Trad. Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2012.